

ULISSES E PROMETEU SOB A ÉGIDE DO ESCLARECIMENTO PRIMITIVO

Rosana Jardim Caneloro*

O texto-base escolhido, que servirá de suporte à análise literária posterior, é um texto difícil e atualíssimo, escrito por Horkheimer em parceria com Adorno, ambos então exilados nos E.U.A. Já em 1938, através de cartas, demonstrava Horkheimer grande interesse em escrever um livro sobre a dialética da ilustração, mas a designação de diretor do Instituto de Investigação Social de Frankfurt tomava todo o seu tempo.

Na Califórnia, em meados de 40, Horkheimer e Adorno vão traçando os contornos da *Dialética do esclarecimento*¹, obra de pouco êxito editorial, na época, mas que, nos anos 60, converteu-se em um clássico clandestino na Alemanha. A edição se esgotou e, só em 1969, decorridas mais de duas décadas, os autores lançaram a segunda edição, corrigindo apenas erros de tipografia.

A *Dialética do esclarecimento*, em sua tradução para o português, não se utilizou das expressões *iluminismo* ou *ilustração* (ambas conotam não o uso da razão, mas de uma iluminação mística ou de luzes divinas), mas, sim, de *esclarecimento*. O tradutor justifica-se, explicando que o termo em alemão (*Aufklärung*) é uma expressão muito familiar na linguagem ordinária do país, sem falar na perfeição do signifi-

* Professora de Filosofia nas Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul (FISC) - RS.

¹ HORKHEIMER & ADORNO. *Dialektik de Aufklärung*. Amsterdam: Querido, 1947.

cado histórico-filosófico que a palavra *esclarecimento* produz.

Depois desta indispensável apresentação do texto teórico, do qual retiramos os subsídios para a análise da *Odisséia*² e da *Teogonia*³, passemos, a seguir, a uma breve incursão no terreno histórico de *Aufklärung*.

BREVE HISTÓRICO DE AUFKLÄRUNG

Palavra de ordem dos espíritos esclarecidos da era moderna, Kant definiu *esclarecimento* como um processo de emancipação intelectual, resultando, de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar autonomamente, e, de outro, da crítica dos intelectualmente inferiores aos postulados dos seus superiores hierárquicos.

Na concepção de Horkheimer e Adorno, o esclarecimento exhibe uma conotação peculiar. Desiludidos com a URSS e distanciados do aparato teórico do marxismo ortodoxo, a Escola de Frankfurt elege um novo motor da história, não mais a luta de classes, mas, sim, um conflito mais amplo entre homens e natureza tanto exterior quanto interior. O termo *esclarecimento* traduz-se como o “desencadeamento do mundo”⁴, através do qual os indivíduos se libertam do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face da mesma. Eis, aí, a diferença entre o que foi o iluminismo, enquanto uma época histórica determinada, e esse conceito de esclarecimento que aponta para um processo em que o homem se liberta das potências míticas.

O esclarecimento, no entanto, não é um mero processo de desmitologização. Ele tem sua origem no mito e tem seu tempo na própria mitologização de si mesmo. Importa aqui salientar que a expressão não designa mais um movimento filosófico e, para Horkheimer e Adorno, o exemplo histórico privilegiado do esclarecimento sequer foi a ilustração.

Na década de 40, a noção de esclarecimento sofreu uma alteração básica: deixou de ser o correlato natural da burguesia em ascensão e

² HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

³ HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Massao Ohno - Roswitha Kempf, 1981.

⁴ A expressão “desencantamento do mundo”, significando dessacralização do mundo natural e social, é de autoria de Max Weber. Ele não cultivava a crença residual na *Vernunft* (razão), como a Escola de Frankfurt, resultando na possível reconciliação entre homem e natureza. Weber, ao contrário, saudava o “desencantamento do mundo”, enquanto esclarecimento, com pouco entusiasmo. A racionalidade, para Weber, está conceptualmente ligada com uma atitude livre de ilusões. Isto significa, portanto, o “desencantamento”.

passou a abranger o espectro completo do pensamento ocidental. O homem, como senhor da natureza, que era essência da concepção da ilustração, foi rastreado nos primeiros capítulos do Gênesis⁵. É na experiência de Ulisses que Horkheimer e Adorno vão buscar o protótipo dessa atividade esclarecedora que se confunde com o processo civilizatório.

Alguns teóricos afirmam que o iluminismo grego foi iniciado pelo sofistas. O iluminismo é, sem dúvida, muito mais antigo; suas raízes estão na Jônia, no século VI a.C.. Hecateu, Xenófanes e Heráclito o foram desenvolvendo, para, mais tarde, Anaxágoras e Demócrito - representantes da ciência especulativa grega - o levarem mais longe.

Foi decisivo, para a história do esclarecimento, o fato de ter Xenófanes descoberto a relatividade das idéias religiosas, expressa no fragmento: “*Se um boi pudesse pintar um quadro, o seu deus seria como um boi.*”

Dito isso, era só esperar para que o tecido rígido das crenças afrouxasse. Um fragmento de Heráclito, “o caráter é o destino”, afasta, por implicação, todo o conjunto de crenças arcaicas sobre a sorte com que alguns nascem e a tentação divina. Dodds comenta que, tivesse Heráclito sido um ateniense, certamente seria condenado por blasfêmia.⁶

O mito, enquanto um determinado corpo de saber, atravessou séculos e séculos sem que a dúvida o tivesse penetrado, até que apareceram espíritos críticos que discorreram sobre os seus fundamentos.

Vimos o esclarecimento apresentando-se como uma reação ao universo mítico sacralizado. Mais tarde, os sofistas consolidaram o esclarecimento através da libertação de regras sem sentido e irracionais. Todavia, a resistência do cidadão médio, em relação a tal irracionalismo, era ainda bem forte.

Sabe-se que existia, na época, um certo “policiamento” praticado por adivinhos profissionais, voltado para a trajetória do racionalismo

⁵ HORKHEIMER. *Eclipse da razão*. Rio de Janeiro: Labor, 1976. p. 115.

⁶ DODDS, E. R. Racionalismo e reação na época clássica. In: *Os gregos e o irracional*. Lisboa: Gradiva, 1988, p. 195.

O iluminismo grego desencadeou muitas reações. Nos últimos anos da Guerra do Peloponeso, irracionalismo e culto da magia eram expressões do que Dodds denominou “regressão” no processo iluminista (cabe explicar que, na tradução portuguesa do livro de Dodds, *Aufklärung* é traduzida como iluminismo). Este caráter regressivo delineia-se nas acusações contra intelectuais, em Atenas, no último terço do século V a.C.. As vítimas incluíam Anaxágoras, Diágoras, Sócrates e, talvez, Protágoras e Eurípedes. A época do iluminismo grego, como a nossa, foi marcada por perseguições.

grego que era, então, uma ameaça à sobrevivência das adivinhações tão difundidas na cultura grega e muito exploradas por políticos profissionais.

Isto vem a ilustrar muito bem a polarização do espírito grego: em um extremo, o avanço científico produzido pela argumentação racional; em outro, o caráter regressivo da religião grega popular, representado pelas curas mágicas, pelas adivinhações, pela prática de maldições inscritas em objetos.

A partir desse mapeamento histórico de *Aufklärung*, passaremos às contribuições de Horkheimer e Adorno para a análise do herói cultural Ulisses, da Odisséia, de Homero.

ULISSES

Nenhuma obra presta um testemunho tão convincente de entrelaçamento de mito e esclarecimento como a obra homérica - primeiro documento cultural da civilização ocidental.

Os mitos depositaram-se nas diversas camadas do texto da *Odisseia*; no entanto, ao apoderar-se dos mitos, ao “organizá-los”, ou seja, ao dar unidade a eles, unidade essa advinda de lendas difusas, o espírito homérico entra em contradição com eles.

O relato homérico é a descrição do trajeto de fuga que o “sujeito” empreende diante de potências míticas. O curioso é que Homero, ao narrar o afastamento de um “sujeito” que está em vertiginosa constituição, confere personalidade aos deuses olímpicos. Simultaneamente à descrição dos primórdios do império do esclarecimento, Homero e Hesíodo constroem a paidéia grega. Esse é o argumento que sustenta o ataque fundamental de Xenófanos aos dois grandes poetas da Grécia: a épica homérica e a cosmogonia hesiódica interferiram profundamente na religião popular grega.

O trajeto de desmitologização é marcado pela desapareção do desconhecido. Retornando às palavras de Kant, o esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade: “A menoridade é a incapacidade de se servir de seu entendimento sem a direção de outrem.”

O entendimento que não seja dirigido por outrem é o entendimento guiado pela própria razão. Aqui, entendimento é compreendido como a faculdade que produz conhecimento. Da razão não pode sair conhecimento; ela vai apenas traduzir e refinar, em conceitos, o que foi apreendido ao nível da empiria e da sensibilidade. A razão simplesmente acrescenta-se ao entendimento, que não é racional.

O episódio das sereias, na *Odisséia* de Homero, apresenta o imbricamento de mito e trabalho, na visão de Horkheimer e Adorno. Ulisses conhece duas possibilidades de escapar: uma é a que prescreve aos companheiros de remo. Ele tapa seus ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as suas forças. Alertas e concentrados, os marinheiros têm de se voltar para a frente e sublimar a tendência que os impele à distração. Assim, se tornam “práticos”.

A outra possibilidade é a escolhida pelo próprio Ulisses. Ele escuta o canto das sereias, porém amarrado ao mastro. Os marinheiros não cedem aos seus sinais para que o desamarrem. Sabendo do perigo iminente, o deixam no mastro para salvar a si mesmo e a eles. Nessa passagem, a sedução, neutralizada em um mero objeto de contemplação, transforma-se em arte.

Assim, a fruição estética e o trabalho manual já se separam na despedida do mundo pré-histórico. Em outras palavras, o patrimônio cultural está em exata correlação com o trabalho comandado. As medidas tomadas por Ulisses, quando o seu navio aproxima-se das sereias, pressagiam alegoricamente a dialética do esclarecimento.

A crítica que Horkheimer e Adorno tecem é dirigida justamente ao esclarecimento. A *substitubilidade* é a medida da dominação e o mais poderoso é aquele que pode fazer-se substituir na maioria das funções. Essa categoria é, ao mesmo tempo, veículo do progresso e da regressão, no sentido de limitação do pensamento.

Para Horkheimer e Adorno, se o esclarecimento não acolher dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele estará selando seu próprio destino. Se o pensamento perder seu caráter superador, perderá também sua relação com a verdade.

A causa da recaída do esclarecimento na mitologia deve ser buscada no próprio esclarecimento, “paralisado” pelo temor da verdade. Na concepção de um importante comentador da Escola de Frankfurt,

... o fracasso maior da mentalidade da Ilustração foi de sustentar um discurso que não revelava significações; o discurso havia se transformado em um instrumento das forças dominantes na sociedade.⁷

⁷ JAY, Martin. Hacia una filosofía de la historia: la crítica de la ilustración. In: *La imaginación dialéctica*. Madrid: Taurus, 1986, p. 425.

A passagem do ciclope Polifemo ilustra muito bem a citação acima. O ciclope era uma figura primitiva anterior à ilustração. Para ele, nome e coisa eram uma só identidade. Já Ulisses, sob a égide da ilustração, enuncia uma fala que está a serviço do *status quo*. Nome e coisa não são mais idênticos para o herói da *Odisséia*.

A astúcia da autoconservação consiste em explorar a distinção, agarrando-se à palavra, para modificar a coisa. Surge, assim, a consciência da intenção: premido pela necessidade, Ulisses percebe o dualismo ao descobrir que a palavra idêntica pode significar coisas diferentes. Como o nome Oudeis (Ninguém) pode ser atribuído tanto ao herói quanto a ninguém, Ulisses consegue romper o encanto do nome. As palavras imutáveis permanecem fórmulas para o contexto inexorável da natureza.⁸

Não se dando conta do sofisticado duplo sentido do nome falso de Ulisses, Polifemo fica cego e o herói desaparece, fazendo profissão de si mesmo ao revelar seu nome e origem, no instante final. A palavra mágica é substituída pela identidade racional e, à custa dessa atitude, Ulisses identifica-se e atrai para si o ódio de Possêidon.

Assim, a *Odisséia* antecipou alguns temas da ilustração ou esclarecimento, como o episódio das sereias ou a passagem do ciclope, apresentando o cruzamento de renúncia e autoconservação, características do pensamento ocidental.

A racionalidade de Ulisses baseava-se na instrumentalidade e no estratagema, como a de Robinson Crusoé. Ele precisou desenvolver uma racionalidade subjetiva, para assegurar sua autoconservação.

Para Jay, Ulisses é o protótipo do “homem econômico” moderno. Até seu casamento com Penélope estava pautado pelo “princípio de intercâmbio”, chave para compreender a sociedade ocidental.⁹

A razão se despojou de seu conteúdo original. Essa razão manipuladora, instrumentalizada, subjetiva, passou a ser assistente da dominação tecnológica. Mesmo na proto-história da burguesia - como denomi-

⁸ HORKHEIMER & ADORNO. Ulisses ou o mito do esclarecimento. In: *Dialética do esclarecimento*, p. 65.

⁹ JAY, M. Op. cit., p. 426.

nam a *Odisséia*, Horkheimer e Adorno -, nota-se que a razão se formaliza perigosamente, ou seja, ela abstrai de seu conteúdo.

PROMETEU

Nesta parte final, apresentaremos uma análise de Prometeu sob a luz do esclarecimento; melhor dito, rastreamos na *Teogonia*, de Hesíodo, resíduos que apontam para a atividade esclarecedora de Prometeu. Na genealogia sistemática que Hesíodo constrói, percebe-se o esforço de um pensamento racional, a abrir caminho para posteriores contribuições filosóficas.

Tudo indica que, no tempo de Hesíodo, havia uma certa confusão sobre a vida e a obra das divindades, devido às influências externas que, introduzindo novos deuses e novos acontecimentos, perturbaram o universo religioso grego. É devido a essa confusão que uma obra como a *Teogonia* impunha-se para dar uma certa unidade à religião grega. Embora em pleno universo mítico, os intentos de Hesíodo são já sistematizados, procurando a constituição de uma arquitetura que permitisse à religião de seu tempo apresentar-se com uma certa coerência.¹⁰

No que se refere à figura de Prometeu, enquanto aquele que é “rico em ardis” e cuja inteligência equipara-se a Zeus, de larga visão, podemos extrair os seguintes versos de Hesíodo:

*Quando contendiam deuses e homens mortais
em Mecona, um corpulento touro, por iniciativa
[própria,
ofertou Prometeu, divindando-o, para ludibriar
[a inteligência de Zeus.
Aqui dispôs as carnes e as entranhas cobertas de graxa
sobre o couro, ocultando-as com o bucho do animal;
ali, os alvos ossos do boi,
ardilosamente arranjados, cobrindo-os com sebo lu-
[zidio.¹¹*

Em uma das falas de *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, deparamo-nos com uma passagem onde é feita alusão à astúcia do esclarecimento:

¹⁰ PENEDOS, A. J. *Introdução ao pré-socráticos*. Porto: Rés, 1984, p. 20.

¹¹ Versos 535-541 da *Teogonia*.

Mas quanto a mim, minha mãe, Têmis ou Gaia, adorada sob tantos nomes, predissera várias vezes como seria o futuro, contando que a força e a violência de nada valeriam; seria à astúcia que os vencedores deveriam o império. Foi isso que transmiti a eles, mas de balde; mal se dignaram a ouvir o que eu tinha a dizer.¹²

Se Horkheimer e Adorno tivessem tratado Prometeu com o mesmo instrumental teórico dispensado na análise de Ulisses, constatariam que a categoria da substitubilidade também freqüenta o texto de Ésquilo:

Escutai ante as misérias mortais e como, de crianças que eram antes, eu criei seres dotados de razão e reflexão. (...) Fui igualmente o primeiro a subjugar os animais e a acostumá-los ao jugo e ao aguilhão, para que tomassem o lugar dos mortais nos trabalhos mais penosos.¹³

Marcuse, em *Eros e civilização*, ao abordar os “heróis culturais”, nos fala que o herói cultural predominante é o insidioso e o rebelde (contra os deuses), que cria a cultura à custa de um sofrimento perpétuo. Para o filósofo alemão, “a razão é a racionalidade do princípio de desempenho.”¹⁴ Mesmo na aurora da civilização ocidental, antes desse princípio ser institucionalizado, a razão já era definida como um instrumento de coação e de repressão aos instintos.

Prometeu é o herói-arquétipo desse princípio de desempenho: ele simboliza a produtividade e, ao mesmo tempo, o trabalho sofrido. E é nesse universo, marcado pelo trabalho, que surge Pandora, o princípio feminino, como maldição. Por que Pandora aparece como elemento desintegrador? A denúncia do sexo, que faz Hesíodo, aponta, acima de tudo, para a improdutividade das mulheres. Sua beleza e promessa de felicidade são fatais no mundo do trabalho da civilização:

(...) Após ter criado o mal em vez de um bem,

¹² ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 18-19.

¹³ p. 26-27.

¹⁴ MARCUSE, H. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 146.

levou-a lá onde eram outros deuses e mortais adorada pela Atena dos olhos glaucos e do pai forte. O espanto reteve deuses imortais e homens mortais ao virem íngreme incombátível ardil aos homens. Dela descende a geração das femininas mulheres. Dela é funesta a geração de grei das mulheres, grande pena que habita entre homens mortais, parceiras não da penúria cruel, porém do luxo.¹⁵

A *metis*, inteligência ou discernimento, apresentada como uma força interna, salvou Ulisses. Prometeu ardiloso ludibriou a inteligência de Zeus, de larga visão, e roubou dele o brilho do fogo incansável. Aí, o esclarecimento transforma-se em astúcia e nessa crise, nessa ruptura, fundam-se não só a crítica e a autonomia, mas o esforço secular da filosofia.

¹⁵ Versos 585-593 da *Teogonia*.